

FORMAÇÃO MUSEOLÓGICA PARA A EQUIPE DO MUSEU DAS FAVELAS E O PATRIMÔNIO IMATERIAL NA PRÁTICA

Por Danieli Giovanini do Carmo Leite¹

Muitas são as formas possíveis de promover formações para os funcionários de um museu; mas, para nós do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas - CRIA, a formação deve ter caráter colaborativo, do aprender com e a partir de, por meio das trocas.

Mas você deve estar se perguntando: como pensar de forma colaborativa dentro de uma formação museológica? A resposta não é tão simples quanto a pergunta. Foi necessário refletir sobre o perfil da equipe e as demandas das pessoas responsáveis pelo atendimento ao público (a partir de devolutivas e interações com os visitantes), além dos desejos de promover espaços de diálogo dentro do fazer museológico.

De modo geral, com o objetivo de formar e capacitar os profissionais de um museu, formações fazem (ou deveriam fazer) parte das atividades técnicas das consideradas áreas fim da instituição (aquelas ligadas diretamente à missão do museu), visando a qualificação de toda a equipe. Esse ponto é extremamente importante para o perfil dos trabalhadores do Museu das Favelas, uma vez que grande parte é composta por jovens profissionais, que estão em momento de adquirir mais bagagem profissional, e para o fazer museal da instituição, baseado na colaboração e trocas de experiências. Assim, uma formação pode ser entendida como um espaço privilegiado de diálogo e troca de saberes.

Dessa forma, outras questões ajudaram na escolha pela temática da primeira formação, como: “Por que existem painéis e bules de barro expostos no módulo ‘Morar’ da exposição de longa duração do Museu das Favelas, intitulada ‘Sobre Vivências?’” e “O que um objeto exposto pode trazer de possibilidades de discussões?”.

E, para responder essas e outras perguntas, foi planejada, construída e realizada a primeira formação interna do ano de 2025, com o tema: “Patrimônio Imaterial no Museu das Favelas: Encontro de Formação com as artistas do Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo - MAPES”.

¹ Museóloga do Museu das Favelas.

O MAPES é um museu comunitário, criado com o objetivo de valorizar o aspecto artístico da produção das Paneleiras de Goiabeiras Velha, de Vitória (ES). O MAPES vem reunindo e salvaguardando os acervos das artistas de hoje e o legado de outras que por aqui passaram, além de preservar um saber fazer artesanal e ancestral, que segue vivo no trabalho das filhas, netas e bisnetas das primeiras artistas paneleiras.



Artista paneleira Deoclecina Alves de Jesus em atividade. Sem data. Acervo da Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves - IJSN, adquirida de Rui de Oliveira.

Desde 2024, o MAPES faz parte da rede de parceiros do Museu das Favelas, tendo quatro objetos de seu acervo expostos no Museu, na exposição de longa duração “Sobre Vivências”, no Módulo “Morar”. Quando da aproximação entre os dois museus na etapa de pesquisa da exposição, foi pedido às artistas paneleiras que escolhessem um objeto mais representativo do modo de morar do território e de como a arte das paneleiras estava na vida cotidiana. Como devolutiva, as artistas e profissionais do MAPES sugeriram quatro objetos, com as seguintes justificativas para cada escolha:

- Frigideira Clássica: obra desenvolvida pela artista paneleira Silvia Campos Duarte (in memoria), no ano de 1988, como presente de casamento para sua cunhada, Josiania Duarte de Andrade. Em janeiro de 2022, Josiana doou a peça que havia recebido de presente para o Espaço de Arte e Cultura "Babado", que viria a sediar o MAPES no ano seguinte. Assim, a obra se tornou a primeira peça do acervo do Museu e, por isso, foi escolhida como um dos objetos a serem emprestados para o Museu das Favelas. Além disso, a frigideira é o modelo tradicional da panela de barro do Espírito Santo, utilizada para fazer a moqueca capixaba, prato servido para reunir pessoas em casa.



Frigideira clássica, de autoria da artista paneleira Silvia Campos Duarte. 1988.
Acervo do MAPES.

- Frigideira leve: obra desenvolvida pela artista paneleira Palmira Rosa Siqueira de Alvarenga (in memoria), doada ao MAPES por um membro da família no ano de 2023. Dona Palmira era uma artista paneleira famosa na região de Goiabeiras Velha por confeccionar as panelas de barro mais leves, em uma técnica desenvolvida por ela mesma.



Frigideira leve, de autoria da artista paneleira Palmira Rosa Siqueira de Alvarenga. Sem data. Acervo do MAPES.

- Buião (bule grande): obra desenvolvida pela artista paneleira Cecília de Jesus Santos, no ano de 1973, e doada ao MAPES em julho de 2023, quando a peça completou 50 anos. O termo Buião advém da finalidade de servir como um grande bule usado para ferver água para uso doméstico em uma época em que a comunidade de Goiabeiras Velha não tinha água tratada.



Buião (bule grande), de autoria da artista paneleira Cecília de Jesus Santos. 1973. Acervo do MAPES.

- Buiãozinho (bule menor): obra desenvolvida pela artista paneleira Deoclecina Alves de Jesus (in memoria), no ano de 1998, doado ao MAPES por sua filha Selma, em março de 2023. O buiãozinho era utilizado como um recipiente para, em cima do fogão a lenha, manter aquecido o café. A família de Dona Cininha, como era conhecida na comunidade de Goiabeiras Velha, era especialista em fazer esse modelo de buião. O objeto foi escolhido pelas paneleiras para representar o café com bolo da tarde, sempre presente nas casas do território.



Buiãozinho (bule menor), de autoria da artista paneleira Deoclecina Alves de Jesus. 1998. Acervo do MAPES.

Assim, para a Museologia aplicada ao Museu das Favelas, a questão não é apenas preservar as frigideiras e os buiões em si e apresentar esse patrimônio imaterial para os funcionários do Museu, mas também trazer os saberes contidos neles e para além deles. Esses objetos representam o resultado da sabedoria oriunda de anos e anos, passada de geração em geração, de um saber ancestral negro e indígena das artistas panelleiras de Goiabeiras, em Vitória (ES).

Embora o saber fazer das panelleiras capixabas de Goiabeiras Velha seja o primeiro patrimônio imaterial do Brasil², panelas de barro são objetos que, em geral, não são valorizados enquanto arte, já que fazem parte do repertório cotidiano das casas (panela para cozinhar a comida a ser consumida no dia, buião que fornecia água quente todo o tempo). E, ainda, quem eram e são as pessoas que desempenham esse trabalho doméstico, seja remunerado ou não. Assim, a visibilidade de quem detinha o saber manual de executar as panelas em si, transformando o barro em utensílio doméstico, era menor ainda.

² Dossiê Iphan 3: Ofício das Panelleiras de Goiabeiras. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_PanelleirasGoiabeiras_m.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.



Artistas panelleiras Deoclecina Alves e Cecília de Jesus, mãe e filha. Sem data. Autoria: Vitor Nogueira. Acervo do artista.

Diante disso, a formação interna “Patrimônio Imaterial no Museu das Favelas: Encontro de Formação com as artistas do Museu de Arte das Panelleiras do Espírito Santo - MAPES” trabalhou de modo a privilegiar o protagonismo das artistas e dos responsáveis pela sensibilização e reunião das peças desse importante acervo. Assim, o encontro contou com a presença de membros do MAPES - Josimere Lima Lucidato, artista panelleira e Presidente, Jaqueline Gomes Campos, artista panelleira e Educadora, André Sopon Pereira, Diretor Executivo, e Lucas Martins da Silva, Diretor Artístico.



Da esquerda para direita: Lucas Martins da Silva, Diretor Artístico do MAPES; Josimere Lima Lucidato, artista paineleira e Presidente do MAPES; Vera Cardim, Coordenadora do CRIA do Museu das Favelas; André Sopon Pereira, Diretor Executivo do MAPES; Jaqueline Gomes Campos, artista paineleira e Educadora no MAPES, e Danieli Leite, Museóloga do Museu das Favelas. 07/02/2025.

De modo a privilegiar as trocas, a formação foi dividida em duas partes: a primeira focada nas apresentações contextuais da relação entre o Museu das Favelas e o MAPES, em extremo significativas e potentes, e conversa com as artistas paineleiras, os profissionais do MAPES e os participantes da formação, e uma oficina prática de mini painela de barro em que as paineleiras ensinaram o conceito e os processos da painela de barro capixaba e orientaram os participantes a confeccionarem uma mini painela de barro. Além disso, a formação foi oferecida em dois horários, para que um maior número de pessoas funcionárias do Museu das Favelas pudesse participar.



Oficina de mini panelas de barro com as artistas paneleiras Josimere Lima Lucidato e Jaqueline Gomes Campos. 07/02/2025.

Ao todo, 22 pessoas entre funcionários do Museu das Favelas e convidados internos participaram do Encontro Formativo, que avaliaram positivamente o encontro. Segundo a Claudia Onorato, Bibliotecária do Museu das Favelas e participante da formação, “esse tipo de formação é fundamental para um entendimento maior sobre as escolhas dos objetos que compõem a principal exposição do Museu das Favelas. Ter a oportunidade de conhecer e compartilhar as experiências de artistas e instituições que têm como premissa o trabalho com patrimônio imaterial, nos permite ter um entendimento maior sobre o nosso propósito como instituição museológica. Entender que o reconhecimento de um patrimônio imaterial nacional é fundamental quando pensamos no sentido de resguardar a história, as memórias e para valorização cultural dos saberes do nosso povo é algo único e traz a essência da identidade que devemos cultivar em contraponto do que historicamente é valorizado”.

Já para Érika Augusta, Pesquisadora do Museu, “o encontro com a equipe do MAPES foi, para mim, mais uma vez a comprovação de que a parceria com as

MUSEU DAS FAVELAS

Largo Pátio do Colégio, 148 — São Paulo, SP — CEP 01016-040 — museudasfavelas.org.br

Gestão: IDG | Instituto de Desenvolvimento e Gestão — idg.org.br

comunidades é o que dá sentido para o trabalho que o Museu das Favelas se propõe a realizar. Na encruzilhada entre, por um lado, representar um espaço hegemônico e, por outro, tematizar vivências periféricas e faveladas, suas falas não nos deixam esquecer que para visibilizar histórias e memórias marginalizadas é fundamental que haja comprometimento em reconhecer, escutar e se articular com quem vive e produz, cotidianamente, a partir desses contextos. A emoção das paneleiras em serem reconhecidas como artistas, demonstra como museus com o nosso perfil ainda são, no imaginário social, lugares privilegiados para legitimação de práticas, saberes e narrativas, que apesar de terem valor simbólico imensurável, são frequentemente menosprezados, questionados e esquecidos”.

Para Alexandre Cardoso, Educador do Museu, "o encontro foi impactante por diversas razões. Primeiramente, fiquei impressionado com o profundo conhecimento técnico das paneleiras em seu ofício e com a dificuldade do processo, que pode inclusive comprometer a saúde delas. Também me impactou bastante ouvir as histórias das tentativas de apagamento e cooptação dos conhecimentos ancestrais, transmitidos de geração em geração, os quais hoje correm o risco de serem perdidos. Além da oportunidade de ouvir os saberes dessas mulheres diretamente da fonte, outro ponto alto do encontro foi poder aprender um pouco da técnica usada para modelar as placas, colocando a mão na massa e recebendo dicas e conselhos de especialistas no assunto. As trocas foram extremamente valiosas e nos mostraram a importância de preservar, valorizar e difundir esses saberes."

Para Rodrigo Carinhoso, Produtor Executivo do Museu das Favelas, que já conhecia, à distância, o trabalho das artistas paneleiras de Goiabeiras e “a proximidade se estreitou com a produção da exposição de longa duração do Museu das Favelas e, por fim, na formação, onde pude me emocionar e aprender com os relatos. E ainda trabalhar e moldar o barro, algo que, como artista visual e produtor cultural, enriqueceu minha bagagem criativa”.

Já Weverton Camargo, Líder de Educação, relata que “o encontro foi muito importante porque a gente conheceu ali um patrimônio na sua mais complexidade e profundidade, pois muitas vezes esse patrimônio é comercializado e retirado esse protagonismo, é retirada essa complexidade, é retirada essa luta que elas [as artistas paneleiras] trouxeram. E conhecer mais a fundo quem faz, porque faz, da onde isso nasce e porque nasceu, porque é uma fonte de renda, de quem estamos falando, porque é um grupo de mulheres, e aí a gente vai fazendo vários recortes. Como público, é conhecer mais esse patrimônio, enquanto na perspectiva de Educador, isso potencializou muito o meu olhar sobre o que é preservar e pensar em perguntas, em reflexões, que vão ressoar no público e na minha visita em

lugares diferentes. E talvez trazer muito mais profundidade e complexidade para dentro da exposição”. E complementa, refletindo que “a gente apresenta muito as obras pelo nome, como ‘as panelas’, mas atrás dessas panelas tem esse fazer, tem histórias e tem essas mulheres. Isso contribui para a minha mediação. E tem que ter mais desses encontros, que vão ressoar de diferentes formas nos diferentes Núcleos”.

Com esses relatos, a conclusão é que a formação cumpriu o seu papel, levando o conteúdo sobre a importância do patrimônio imaterial, como também das pessoas e suas histórias para além dos objetos, para o público interno. Para os participantes, a formação teve sentido e agregou positivamente nas atividades, atingindo, de modo indireto, o público final do Museu das Favelas. E, assim, a Museologia de caráter social, colaborativo, comunitário e sociomuseológico demonstrou fazer todo o sentido para as práticas diárias e metodologias técnicas do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas - CRIA.